

REDUÇÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL E VIAGENS DE ESTUDOS

JESUIT REDUCTIONS IN RIO GRANDE DO SUL AND STUDY TRIPS

REDUCCIONES JESUITAS EN EL RIO GRANDE DO SUL (BRASIL) Y VIAJES DE
ESTUDIO

Gustavo Mühl Garbossa

Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 02 - 2017.

Dirlei Afonso Schier

Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

RESUMO

O presente trabalho tem por principal objetivo apresentar uma nova abordagem relacionada a viagens de estudos no ambiente escolar, aproveitando-se de uma das diversas ferramentas pedagógicas ao alcance do docente para a diferenciação do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, utilizaram-se pesquisas bibliográficas sobre as missões jesuíticas no Rio Grande do Sul, à importância de novas abordagens didáticas em sala de aula, à historiografia brasileira com relação à História Regional e sua inserção em sala de aula, assim como à importância de uma correta utilização das viagens escolares para completar a experiência de ensino da História Regional. Como complemento e para dar maior riqueza e propriedade para a relevância deste tema, se apresenta relato de visita técnica guiada realizada aos Sete Povos das Missões, no RS. Esse é um lugar primordial na indicação de destinos para possíveis viagens escolares; a sua visita favorece a valorização da história local ligada à região visitada, facilita a absorção do conhecimento histórico e o contato com a realidade regional.

Palavras-chave: Didática. História Regional. Sete Povos das Missões. Viagem de Estudos.

ABSTRACT

This paper aims to present a new approach related to the study trips in school environment, taking advantage of one of the several pedagogical tools available for teachers to differentiate the teaching-learning process. To this end, a bibliographical research was carried out, related to Jesuit missions in Rio Grande do Sul State, to the importance of new didactic approaches in the classroom, to Brazilian historiography in relation to Regional History and its insertion in the classroom, and to the importance of a correct use of school travels to complement the teaching experience of Regional History. As a complement and to better defend the relevance of this theme, it is presented a report of a guided technical visit to the *Sete Povos das Missões* [Seven Peoples of the Missions], which is the starting point for the destination indication of possible school trips, and favoring appreciation of local history linked to the region visited, facilitating the absorption of knowledge and contact with the reality linked to the theme.

Keywords: Didactics. Regional History. Jesuit Reduction. Study Trip.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como principal objetivo presentar un nuevo abordaje relacionado con viajes de estudio en el ambiente escolar, haciendo uso de una de las tantas herramientas pedagógicas al alcance del docente para la diversificación del proceso de enseñanza-aprendizaje. Para ello, se utilizaron revisiones bibliográficas sobre las misiones jesuitas en el estado Rio Grande do Sul, con la importancia de nuevos abordajes didácticos en el salón de clases, con la historiografía brasileña relativa a la Historia Regional y su inserción en clases, así como con la importancia de la utilización correcta de los viajes escolares para la

completar la experiencia de enseñanza de la Historia Regional. Como complemento, y para acrecentar riqueza y propiedad a la relevancia de ese tema, se presenta relato de visita técnica guiada a los Sete Povos das Missões, ubicados en Rio Grande do Sul. Ese es un sitio primordial en la indicación de destinos para posibles viajes escolares; su visita favorece la valoración de la historia local asociada con la región visitada y facilita la asimilación del conocimiento histórico y el contacto con realidad regional.

Palabras-clave: Didáctica. Historia Regional. Sete Povos das Missões. Viaje de Estudios.

INTRODUÇÃO

Verificando a necessidade de uma nova abordagem na utilização de viagens pedagógicas no ensino de História o presente trabalho tem como tema “Reduções Jesuíticas no RS, e uma nova abordagem sobre viagens de estudo”. Hoje pouco ou subutilizadas, as viagens de estudo fogem do aspecto de aprendizado e voltam-se mais para o aspecto turístico. Pretende-se aqui utilizar a abordagem proposta como suporte no processo de construção do conhecimento e valorização da História Regional.

Além disso, essa pesquisa procura abrir caminho para um estudo mais específico relativo à História Regional do Rio Grande do Sul e o fortalecimento desse estudo, promovendo uma pesquisa sobre os Sete Povos das Missões dentro do contexto histórico das reduções jesuíticas e partindo do processo de colonização do Brasil. Tal região é parte do Parque Histórico Nacional das Missões (RS) e é muito visitada por excursões de alunos de diversas faixas etárias, sendo um grande polo turístico e histórico, além de contar com um Patrimônio Cultural Mundial, representado pelas ruínas de São Miguel das Missões (RS).

Apesar deste trabalho ter-se voltado principalmente à utilização de novos métodos no ensino de História e se baseado em um tema e região específicos, pode também vir a ajudar às mais diversas áreas do ensino, inclusive de forma interdisciplinar. De maneira indireta, relaciona-se com diversas áreas do conhecimento, problematizando aspectos culturais, artísticos, geográficos, políticos, linguísticos, turísticos, pedagógicos e diversos outros.

Objetivou-se com isso, enriquecer os conhecimentos teóricos e históricos concernentes às missões jesuíticas no processo de colonização das Américas. Um acréscimo grande de informações a respeito da história local foi possibilitado com a visita técnica à região onde estavam inseridos os Sete Povos das Missões e suas respectivas atrações turísticas e históricas. Possibilitou-se assim a coleta de informações vinculadas a

experiências com grupos de estudantes que visitam a região, a promoção e valorização do estudo da história regional e uma melhor inserção do aluno no contexto histórico a ser estudado e aprofundado dentro e fora de sala de aula.

Metodologicamente, o presente estudo baseou-se em pesquisa bibliográfica, pesquisa de recursos audiovisuais, mídias digitais e pesquisa de campo para que os objetivos propostos fossem alcançados. Com relação à pesquisa bibliográfica, a mesma foi realizada abordando tanto o que se refere à pesquisa sobre as viagens pedagógicas no ensino (principalmente de História), quanto aos temas históricos a serem estudados dentro do contexto de colonização do Brasil, atinentes às Reduções Jesuíticas (com ênfase no Rio Grande do Sul e, principalmente, nos Sete Povos das Missões). Os principais recursos utilizados como fontes para esta pesquisa foram livros, sites, documentários e artigos atinentes aos assuntos.

Já a pesquisa de campo foi realizada através de viagem à região conhecida pelas principais Reduções Jesuíticas no estado do RS (os Sete Povos das Missões). As visitas técnicas e turísticas foram guiadas por profissional habilitado e profundo conhecedor do tema, que forneceu grande bagagem teórica, cultural e inspirativa para a construção deste trabalho. A pesquisa foi realizada visando o melhor aproveitamento possível de temas de tamanha importância, referidos ao ensino e valorização da história regional, mas com maior enfoque no ensino de História, e mais especificamente naqueles temas a serem pesquisados e vivenciados no ambiente escolar.

AS REDUÇÕES JESUÍTICAS E OS SETE POVOS DAS MISSÕES

Após a chegada no Novo Mundo, Portugal e Espanha passaram a explorá-lo e buscaram formas de lucrar com suas descobertas e também de garantir sua posse e a colonização das áreas.

Com relação ao continente americano e a ocupação do mesmo, conforme Custódio (2012, p. 2):

Antes da Era dos Descobrimentos, o continente americano era ocupado por diferentes culturas e civilizações nativas. Os assentamentos pré-históricos remontam a datações que atingem 12 mil anos antes do presente [...]. Pelo Tratado de Tordesilhas firmado em 1494, foram estabelecidos limites para as possessões decorrentes das descobertas das nações ibéricas, inseridas no contexto da expansão do *capitalismo mercantil*. A ocupação colonial do

continente americano deu-se a partir e ao longo do litoral Atlântico pelos portugueses, e a partir do Caribe, de noroeste para o sudoeste, ao longo da costa pacífica, pelos espanhóis.

Na mesma época dos descobrimentos e início da exploração e colonização da América, acontecia na Europa o movimento da Reforma Protestante e da Contrarreforma da Igreja Católica. Dentro desse movimento da Igreja, é criada oficialmente em 1540 a Companhia de Jesus pelo espanhol Inácio de Loyola (1491-1556) e outros religiosos, sendo concebida com o intuito de desenvolver regras a serem seguidas dentro da vida religiosa, disciplinando-a e dedicando-se a trabalhos missionários e educacionais, além de integrarem o sistema de colonização europeu através da ação dos padres jesuítas sob o lema de “dilatar a fé e o império”.

É dentro deste contexto que surgem as reduções/missões jesuíticas na América do Sul. Conforme Careli (2011, p.49), em 1607 foi criada a Província Jesuítica do Paraguai, que abrangia diversos territórios da região (hoje pertencentes a países diferentes), inclusive os que correspondem aos “Sete Povos das Missões” no Rio Grande do Sul.

O projeto dos jesuítas nas missões inicia-se com a tentativa de evangelização dos índios sem a sua retirada da estrutura habitual em que viviam e de seus costumes. Segundo Careli (2011, p.50), esta tentativa mostra-se ineficaz, visto que a evangelização proposta por eles somente se daria através da desvinculação de seu modo de vida, além de contar com a resistência por parte dos índios por confundirem os jesuítas com os exploradores que caçavam índios para escravização.

Com o insucesso da primeira empreitada, parte-se para a adoção do sistema das reduções, estruturas de aldeamento criadas pelos padres jesuítas e que se organizavam em um regime combinado de trabalho e religiosidade. As suas principais funções foram a doutrina da religião, da língua, da cultura e dos costumes dos brancos, mas principalmente tendo como objetivo a evangelização dos povos indígenas, salvando-os como “ovelhas desgarradas” de crenças pagãs, em sua concepção.

Estas práticas eram utilizadas dentro dos domínios da coroa espanhola também com a finalidade de defesa dos territórios. Conforme explica Soster (2014, p.23), estendiam-se desde territórios da América do Norte até o Rio do Prata, distribuindo-se por toda esta extensão diversas unidades das missões dos padres jesuítas.

Conforme Santos (2012, p.29), os povos indígenas que habitavam as terras que correspondem hoje ao Rio Grande do Sul, eram compostos em sua maioria por índios de diversos grupos guaranis, originários da Amazônia. Estes índios se caracterizavam por serem povos seminômades que praticavam a horticultura (em uma forma bem rudimentar), caça e pesca, locomovendo-se de acordo com a disponibilidade de recursos naturais na região e após o esgotamento da capacidade de cultivo do local dos plantios. Dividiam as tarefas de acordo com as necessidades da tribo e o gênero, priorizando atividades de lazer, mas alternando com atividades de trabalho e religiosas, tudo de acordo com a sua tradição.

Esta divisão de tarefas e a organização das tribos guaranis é explicitada por Santos, como se observa a seguir:

A divisão de tarefas seguia os códigos da tradição guarani, mantendo viva uma memória ancestral, que pode ser encontrada nas falas sagradas e proféticas explicativas das origens dos seres vivos, da natureza, do seu modo de ser, cujos guardiões eram os xamãs. Nessas falas sagradas, constam um conjunto de crenças e ideias religiosas, onde a família extensa guarani é um componente sócio-cultural fundamental na construção e reprodução do espaço geográfico guarani, já que, seus membros, enquanto agentes dinâmicos interagem no espaço, detinham a autonomia e o controle sobre a produção deste. Convém destacar que se tratam de modelos de famílias extensas, as quais se organizam sob um regime de reciprocidade igualitária, que mantém a distribuição dos bens para a garantia da sobrevivência e auto-suficiência, configurando a divisão de tarefas ou atividades por gênero e faixa etária. Portanto, as famílias zelam pelo cumprimento das diferentes atividades na comunidade, tendo por base as unidades domésticas de produção, preservando os princípios de generosidade e reciprocidade, tanto no espaço intracomunitários locais, como nas aldeias guaranis. Essas aldeias eram formadas socialmente por uma, ou algumas poucas choças coletivas, que abrigavam famílias extensas de parentes, as macrofamílias, que constituíam o Teýy, “célula mínima de organização social guarani”. Eram essas famílias as células produtivas guarani, responsáveis pela dinâmica da “produção – consumo” (SANTOS, 2012, p. 30).

Foram mais de 30 as reduções fundadas num período de 25 anos na Província do Paraguai. Conforme Santos (2016), foram os espanhóis os responsáveis pela idealização dos 7 povos das Missões no RS. São elas: redução de São Francisco de Borja (1682), de São Nicolau (fundada em 1626, abandonada e repovoada em 1687), São Miguel Arcanjo (atacada por bandeirantes, abandonada e novamente povoada e reconstruída em 1687), São Lourenço Mártir (1687), São João Batista (1697), São Luiz Gonzaga (1687) e Santo Ângelo Custódio (1707).

Maestri (2010, p.63) sintetiza bem como se deu o sucesso da implantação das missões jesuíticas junto aos guaranis de tribos diferentes nos Sete Povos no Rio Grande do Sul, mesmo com um contingente pequeno de jesuítas com relação à quantidade de pessoas locais nas reduções:

A proposta de adoção do cristianismo e de redução sob a proteção dos jesuítas e da Coroa espanhola significava às comunidades guaranis uma garantia mínima contra os ataques que sofriam. A organização em reduções determinou, igualmente, significativo salto na organização social e produtiva dessas comunidades. Em verdade, a reunião de aldeias guaranis em missões e a articulação de diversas missões entre si tenderam a formar uma grande nação guarani-missioneira, ainda que jamais tenha havido real articulação estatal entre as missões. É crível que a decisão de abandonar as formas tradicionais de vida e de se concentrar em aldeias reunindo diversas comunidades generalizou-se entre os guaranis, quando experiências pioneiras se mostraram positivas. Após os primeiros sucessos, comumente os próprios caciques procuravam os jesuítas propondo que formassem reduções em seus territórios. O sucesso do movimento missioneiro deveu-se, essencialmente, à decisão e à vontade das comunidades guaranis. Apenas assim compreenderemos como uns setenta missionários conseguiram reduzir e administrar em torno de cem mil guaranis (MAESTRI, 2010, p. 63).

A organização e estruturação das missões jesuíticas seguia um padrão, este explicitado por Careli:

As reduções apresentavam uma regularidade e simetria do plano urbanístico. Obedeciam a um modelo-padrão com pequenas variantes individuais. Ao centro ficava uma grande praça quadrada com cerca de 150m de lado, para a qual convergiam as ruas principais. Em um dos lados da praça, ao norte ou sul, ficava a igreja, dominando a paisagem em frente a ela, no lado oposto da praça, o cabildo. Junto à igreja ficavam, de um lado o cemitério e a casa das viúvas (cotiguaçu), e de outro a casa dos padres, escola, dois pátios internos, oficinas, etc.; nos fundos deste conjunto ficavam a horta e o pomar dos padres. Cercando a praça por três lados, encontravam-se as habitações dos índios (CARELI, 2011, p. 54).

Dentro das atividades de produção e trabalho, cada estrutura dentro da missão tinha seus objetivos e atividades específicas. Nas oficinas eram produzidos os utensílios necessários para as atividades diárias, nas estâncias se realizava a criação de animais e atividades a ela relacionadas e também se verificava o plantio de gêneros alimentícios e principalmente da erva-mate (*Ilex Paraguariensis*), que se tornou produto de exportação e captação de recursos para as missões, além da bagagem cultural e social relacionada com a sua utilização, que faz parte da cultura gaúcha até hoje.

Utilizado pelos pajés como “bebida mágica”, o mate foi censurado pelos espanhóis, mas posteriormente “nas reduções os jesuítas teriam apoiado a difusão do consumo do mate para facilitar a repressão das beberagens guaranis tradicionais”, reduzindo a

“libertinagem sexual” dos guaranis tão combatidas pelos jesuítas. O processo de expansão dos ervais contou com uma artimanha por parte dos padres, onde os mesmos “misturavam na sopa dos meninos sementes para que eles realizassem o trabalho de fermentação e dispersão” conforme nos conta Maestri (2010, p.74, 75).

Após toda a experiência bem-sucedida das missões, elas iniciam seu período de declínio, conforme descreve Santos:

O declínio dessas reduções se deu pelas divergências das políticas entre Portugal e Espanha, principalmente após o Tratado de Madri, de 1750, em que as reduções do Sul do Brasil ficaram com os portugueses em troca da Colônia do Sacramento para os espanhóis. Mesmo assim as disputas continuaram entre padres e indígenas que não queriam abandonar suas reduções de origem e se deslocarem para outras regiões (SANTOS, 2016).

Devido a diversos acontecimentos ligados ao Tratado de Madri, começaram a surgir revoltas e indignação por partes dos indígenas (principalmente) e jesuítas, que não concordavam com seus termos (apesar de que, por ordem superior, os jesuítas tentaram persuadir os índios a acatarem as ordens de Espanha e Portugal). Tudo isso leva a um processo de levante de armas e a eclosão das Guerras Guaraníticas, marcadas por figuras como Sepé Tiaraju, pela morte de milhares de indígenas e por fim pela destruição dos Sete Povos das Missões.

Outros fatores ligados ao declínio das reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul que também devem ser destacados são: a recorrente atuação dos bandeirantes em busca da escravização dos indígenas e a reforma política proposta por Marquês de Pombal em Portugal, “tendo como alvo a Companhia de Jesus” (CARELI, 2011, p.61). Os jesuítas foram então expulsos do território português.

O processo de redução de importância das missões e finalização das mesmas é contextualizado por Maestri:

No momento em que a Coroa ibérica julgou não mais necessitar do apoio militar missionário para a defesa dos territórios americanos, as reduções tornaram-se uma contradição enclavada no seio das colônias hispânicas, pois marginalizavam territórios e mão-de-obra significativos dos processos de exploração empreendidos pelas classes dominantes ibéricas e crioulas. No mesmo sentido, o desenvolvimento das populações missionárias favorecia objetivamente a gênese tendencial de consciência *nacional-guarani*, o que era inadmissível para os segmentos dominantes metropolitanos e coloniais. No novo contexto, impôs-se e foi implementada a destruição da radiosa experiência histórica jesuítico-missionária (MAESTRI, 2010, p. 77).

Desta forma termina a experiência das missões jesuíticas no Rio Grande do Sul. É um tema de suma importância e arcabouço essencial para história e formação do que hoje conhecemos sobre a cultura e povo gaúcho e conseqüentemente parte da História do Brasil.

VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL E SUA ABORDAGEM EM SALA DE AULA

No que tange à carência de abordagens e valorização da história local, deve-se inicialmente destacar a valorização tardia da pesquisa sobre o tema no Brasil. Lima (2016, p.110) relata que “as pesquisas voltadas para o local e o regional começaram a se desenvolver, como pensamos hoje, apenas a partir da década de 70 e 80”, diferentemente do que acontece na Europa, onde se mostra mais consolidada e repleta de informações, pesquisas e exploração de fontes.

Lima (2016, p.110) ainda ressalta que entre os entraves encontrados pelo historiador local estão a falta de apoio financeiro, os interesses dos “donos de fontes históricas”, a fraca bibliografia básica e a dificuldade na publicação e realização de estudos e pesquisas. Portanto, quanto menor e menos incentivada a pesquisa com foco no regional, menor será sua riqueza, seus recursos e fontes, o que nos traz a um círculo vicioso de desvalorização e dificuldades atinentes à questão.

Com relação às mudanças na historiografia brasileira, Lima pontua:

Essa mudança que vem ocorrendo no campo da historiografia brasileira, onde se propõe diferentes abordagens de forma mais crítica, tem testado a validade e a credibilidade das macro abordagens. Enfatizar uma pesquisa como de cunho regional tornou-se importante, mesmo havendo questionamentos sobre tal ênfase, pois se toda história pode ser considerada regional, essa “totalidade da história” não tem ultrapassado os limites dos centros administrativos, políticos e econômicos do país. Dessa forma, quando falamos em história local e regional, estamos falando também, e principalmente, das localidades e regiões que estão esquecidas ou mesmo desconhecidas, pela historiografia (LIMA, 2016. p. 111).

Portanto, se para a historiografia brasileira a história regional está sendo valorizada somente agora, a valorização desta dentro da sala de aula ainda tem um grande caminho a percorrer. O fomento a pesquisas valorizando o regional, monografias e artigos científicos fazem parte de uma mudança necessária e importantíssima na historiografia brasileira.

Cabe principalmente ao historiador cobrar mais incentivos por parte do governo e instituições de ensino, além de enfrentar as dificuldades e prosseguir, fornecendo através de seu próprio trabalho de pesquisa mais ferramentas para que outros possam se aproveitar delas e criar um “círculo proveitoso” de valorização da história regional. Posteriormente, este “círculo proveitoso” poderá ser aproveitado e melhor inserido no ambiente escolar.

Com relação ao ensino da história local e regional, cabe frisar que hoje temos uma abordagem mais generalista relativa à História em sala de aula, com materiais didáticos voltados para esta generalização. A regionalização da História e sua valorização são de suma importância para um melhor entendimento do contexto no qual se está inserido, sendo este como um desafio para o professor em sala de aula como informa Lima:

Uma relação mais íntima entre o objeto de estudo e os estudantes pode instigar um desejo maior em estudar história, pois está ligado à própria identidade do aluno. O ensino voltado para o local e o regional, tem assim uma função de socialização, de posicionamento no tempo e espaço, e construção de memórias [...] a tarefa de expor ao aluno a importância da compreensão das características do ambiente que o cerca e o envolve, cabe ao professor, que mesmo tendo de enfrentar as resistências enraizadas no ambiente escolar, deve procurar inserir o aluno dentro de um contexto histórico (LIMA, 2010. p. 113).

Passando para o caso mais específico relacionado ao tema deste trabalho, em publicação para a *Revista Latino-Americana de História*, Valenzuela nos fala sobre a abordagem nos livros didáticos com relação às Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul:

As investigações feitas nos permitiram concluir que este conteúdo é bastante desprestigiado em muitas obras, com muitos equívocos em seu contexto e sem valorizar a condição humana nos trâmites históricos, o que entendemos que deva ser primordial na construção das obras de história. Esta análise permite compreender que cabe aos professores estarem sempre atentos aos recursos didáticos que dispõem, de forma que possam adaptar as informações durante sua prática em sala de aula para que a disciplina de história preze pela construção humana do educando e pela sua plena formação (VALENZUELA, 2013. p. 311).

Portanto, ao professor cabe o papel de buscar em outras fontes informações que venham complementar e agregar valor aos conteúdos em sala de aula, fugindo do trivial de seguir apenas o conteúdo ofertado pelo livro didático e que serve como esteio para o desenvolvimento dos temas programados.

A VISITA TÉCNICA À REGIÃO DAS MISSÕES- RS (29/04/2017 A 30/04/2017)

A visita técnica foi idealizada tendo em mente a região que comporta o que é reconhecido como Parque Histórico Nacional das Missões – RS, a qual, segundo o Iphan, pode ser compreendida da seguinte forma:

O território das Missões Jesuíticas dos Guarani, no Brasil, se caracteriza por possuir uma paisagem cultural de altos valores patrimoniais e ambientais, abrangendo 26 municípios do noroeste do Rio Grande do Sul. As transformações ocorridas nesses sítios missioneiros ao longo de mais de dois séculos apresentam, nos dias atuais, situações distintas que podem ser caracterizadas desde aquelas onde se encontram estruturas expressivas, vestígios arqueológicos dispersos, até sítios sobre os quais se desenvolveram novas cidades.

O Parque Histórico Nacional das Missões foi criado em 2009, por meio do Decreto nº 6.844, reunindo os sítios arqueológicos missioneiros de São Miguel Arcanjo (localizado no município de São Miguel das Missões), de São Lourenço Mártir (em São Luiz Gonzaga), de São Nicolau (em São Nicolau), e o de São João Batista (em Entre-Ijuís). As investigações feitas nos permitiram concluir que este conteúdo é bastante desprestigiado em muitas obras, com muitos equívocos em seu contexto e sem valorizar a condição humana nos trâmites históricos, o que entendemos que deva ser primordial na construção das obras de história (IPHAN, 2017).

A viagem realizada para a região das Missões no RS iniciou-se em 29/04/2017 com a chegada em Santo Ângelo/RS, onde foi conhecido o trabalho do guia local, atuante no setor do turismo regional.

Logo após, locomovemo-nos até a Capela dos Santos Mártires do Caaró, construída em 1936 e que homenageia o martírio e morte em 1628 dos padres Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João De Castilhos (ambos canonizados em 1988 pelo Papa João Paulo II). O local fez parte da primeira fase das missões jesuíticas no RS e hoje é local de peregrinações, contando também com uma boa infraestrutura cercada por árvores e uma fonte de água considerada milagrosa pelos fiéis, sendo tudo preservado e mantido pelo pároco e comunidade locais.

Posteriormente, visitamos o sítio arqueológico de São Lourenço Mártir. A redução foi fundada pelo Padre Bernardo De La Veja em 1690. O primeiro contato com as ruínas dos sete povos apresenta o padrão característico das construções jesuíticas, com poucas paredes ainda em pé e tomadas pela vegetação, misturando-se com ela. Em sua construção foram utilizadas pedras gres e itacuru (com o predomínio da segunda) e verificam-se estruturas bem identificáveis como o altar principal, uma pia esculpida na pedra, as

“patentes”, alguns pórticos, algumas estruturas que sofreram interferência de colonizadores portugueses, entre outros.

Estão presentes também estruturas espalhadas pelo campo, onde anteriormente existiam parte dos prédios que faziam parte da redução e também locais que foram alvos de “caçadores de ouro dos jesuítas”, o que se repete também em outros sítios arqueológicos da região. São utilizadas em meio às ruínas algumas ovelhas para a “manutenção natural” dos campos que fazem parte do território das ruínas e conta com vigilante terceirizado no local.

A próxima etapa da visita foi na cidade de São Miguel das Missões/RS. Fomos em um primeiro momento direcionados ao local onde os índios guaranis retiravam parte do barro utilizado nas mais diversas atividades e construções (o local hoje está em uma propriedade particular e o sítio foi encontrado através de escavações). Posteriormente visitamos a fonte missioneira preservada até hoje, onde os índios costumavam banhar-se e beber água. Um fato interessante contado pelo guia era que tribos guaranis da região acampavam ali algumas vezes até a disponibilização de uma reserva onde pudessem se instalar de forma definitiva.

Na cidade foi construído um local para que algumas famílias guaranis se instalassem de tempos em tempos, utilizando um sistema de rodízio entre as pessoas da tribo para facilitar a venda do artesanato guarani junto ao complexo arqueológico de São Miguel, fazendo com que os mesmos continuassem fazendo parte da história contada pelos atrativos locais e fornecendo a oportunidade de complementar a renda e contribuir com a sua subsistência.

Posteriormente nos locomovemos até o local mais importante e conhecido da região: as Ruínas de São Miguel Arcanjo, onde o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan descreve que:

De acordo com a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris (França), em 1972, e ratificada pelo Decreto No. 80.978, de 12 de dezembro de 1977. O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológico, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas (IPHAN, 2017).

Também, conforme o Iphan, as Missões Jesuíticas Guaranis de São Miguel das Missões (RS), juntamente com mais quatro ruínas jesuíticas argentinas (San Ignacio Mini,

Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto e Santa María La Mayor) foram declarados em 1983 como Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco, e “esses locais são considerados, atualmente, monumentos históricos com finalidade cultural e turística expressiva, e altamente significativos para o desenvolvimento local das comunidades envolvidas” (IPHAN, 2017). Além das já citadas, as ruínas das reduções de La Santísima Trinidad de Paraná e Jesús de Tavarangue (ambas no Paraguai) também são consideradas Patrimônio Mundial Cultural pela Unesco. Fazem parte também do roteiro internacional Iguassu-Misiones.

Construída com pedra gres e com uma leve inclinação em sua construção que aumenta sua grandiosidade, foi projetada pelo padre italiano João Batista Primolli e construída entre 1735 e 1745. Atualmente continua sendo considerada o principal atrativo devido à sua imponência, estado de preservação e pelo polo turístico/histórico que se tornou. Seu projeto inicial era que tivesse em sua igreja duas torres, mas apenas uma foi finalizada. Além das estruturas ainda em pé, conta com vários outros artefatos dos mais diversos tipos espalhados pelos locais de visitação, cada um com seus detalhes e histórias que ajudam a remontar a história da missão.

A redução de São Miguel foi muito conhecida também pela construção de instrumentos musicais, sinos, relógios e vários outros artefatos de muita qualidade que eram comparados à qualidade encontrada na Europa na época, inclusive tendo exportado muito do material produzido pelos guaranis nas oficinas da redução.

É também o local mais organizado, preservado e melhor explorado turisticamente no Brasil (há também outros sítios arqueológicos concernentes às missões jesuíticas espanholas em outros países da América Latina que se equiparam em estado de conservação e importância turística/cultural) , contando inclusive com uma maior quantidade de vigilantes cuidando da integridade das ruínas, além de também ter um centro de recebimento de turistas com guias locais e o Museu das Missões, com peças da época das reduções (na visita o mesmo estava fechado para restaurações de danos causados por um temporal no ano anterior).

Torna-se o destino principal (e muitas vezes o único) quando se fala em turismo na região (turistas de vários estados e também de outros países, além das excursões escolares), e muitos acabam achando que a riqueza e o patrimônio histórico local se resumem apenas às ruínas de São Miguel, deixando de conhecer muito sobre as outras

reduções e seu legado. No local são realizados inclusive casamentos (durante a visita estavam sendo feitos os preparativos para um a ser realizado no mesmo dia).

A visitação pelas ruínas e com as devidas explicações pelo guia responsável são capazes de inserir o visitante na realidade das reduções e cada detalhe remonta a um pedaço da história que se passou naqueles locais, inclusive com “marcas” posteriores deixadas por turistas e exploradores que escreviam seus nomes e o ano de visitação, o que ao mesmo tempo desfigurou parte do patrimônio histórico e criou uma “nova” história ligada ao lugar.

Assistiu-se no período da noite o espetáculo realizado em São Miguel conhecido como “Espetáculo de Som e Luz”, que é uma apresentação de cerca de 50 minutos com efeitos de som, diálogos e luzes (espalhadas por todo o sítio arqueológico) que representa parte da história das ruínas que vai desde o início da construção da redução até o seu fim sangrento. A história é contada por personagens que fizeram parte da história e também pela “igreja e pela terra”. O espetáculo provoca uma verdadeira inserção do espectador no ambiente das missões e se mostra uma experiência marcante para públicos de todas as idades e está dentro do contexto histórico no qual está mergulhada da região dos Sete Povos das Missões.

Já no município de Entre-Ijuís está localizado o sítio arqueológico de São João Batista, redução que surgiu a partir da de São Miguel em meados de 1697 e que ficou a cargo do Padre Antônio Sepp (o qual foi representado e homenageado posteriormente em monumento que faz parte do complexo) e também ficou conhecida por ter possuído a primeira fundição de ferro da América Latina.

Construída em grande parte com a pedra itacuru, apresenta o mesmo padrão das reduções jesuíticas, mas demonstra uma inovação para a época que foi a terraplanagem de parte do terreno, tendo a igreja em um patamar mais elevado com relação ao restante das construções do complexo. Além das habituais estruturas das ruínas e outros artefatos arqueológicos, possui demarcações e placas indicativas com pequenas explicações sobre onde ficava cada parte da redução e também sobre algumas plantas importantes para o dia a dia da redução (a erva mate por exemplo). Possibilita também uma pequena trilha na mata que tomou conta de parte das construções que antes eram oficinas, dormitórios e outras estruturas de grande importância para o funcionamento da missão.

Nesta visita foi possível verificar algo que era de grande importância no auge das missões: a comunicação visual entre as diferentes comunidades, a qual era feita através de sinais de fogo/fumaça e ou através dos sinos das igrejas. Na redução de São João Batista é facilmente visível o local no horizonte onde se localizava a redução de Santo Ângelo, por exemplo.

O último destino missionário da visita técnica foi na cidade de Santo Ângelo/RS, que havia sido o ponto de partida da viagem. Fundada pelo Padre Diogo Haze em 1706, foi destruída na guerra guaranítica, onde hoje está localizada a Catedral Angelopolitana, a qual foi construída baseada no projeto original da igreja de São Miguel (inclusive com a pintura imitando a pedra gres e com as duas torres que seriam construídas na igreja da redução de São Miguel Arcanjo). É dedicada ao anjo da guarda (uma das únicas que se tem registro na igreja católica) e homenageia também os padroeiros dos 7 povos em sua fachada.

Junto à catedral, existe o chamado “Museu a Céu Aberto” que protege alguns resquícios da igreja original da missão de Santo Ângelo. A catedral é a terceira igreja do local e a igreja da missão jesuítica é considerada como a maior já construída no local, de acordo com os registros (muito maior inclusive que a própria Catedral Angelopolitana). No interior da mesma também podemos encontrar uma escultura em madeira de Jesus Cristo feita pelos guaranis nas reduções. Também conta nas proximidades da catedral com o Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, onde entre os atrativos diversos estão mostras culturais itinerantes, artefatos de diversas épocas e também itens relativos à história das missões na região (maquete das missões, esculturas, urna funerária e outros artefatos arqueológicos relacionados).

O espaço que hoje é ocupado pela praça, catedral e arredores era o espaço onde estava instalada a redução jesuítica e é a única que teve sua construção voltada para o sul (todas as outras da região eram voltadas para o norte). A praça conta com pórticos que representam em ordem de fundação todos os 30 povos, fazendo uma alusão a toda a obra jesuítica que se estende por diversos países do sul do continente.

NOVAS ABORDAGENS DIDÁTICAS, SEU PLANEJAMENTO E UMA NOVA PROPOSTA DE ABORDAGEM E INSERÇÃO DAS VIAGENS ESCOLARES

Diversos são os autores que falam sobre a importância de novas alternativas pedagógicas para o ensino. E conforme Martins (2012, p. 61), o professor deve escolher os

métodos mais indicados, mantendo a coerência e a consistência em sua prática, portanto deve saber mesclar da melhor maneira possível as diversas práticas diferentes em sala de aula e saber tirar proveito de cada uma delas em prol de seus alunos e do bom andamento das atividades planejadas.

Com relação ao planejamento, percebeu-se através do tempo algumas mudanças na sua importância e utilidade para o docente, conforme Scremin:

Antigamente o planejamento era visto como regulador escolar, atualmente o planejamento é aderido como organização das ações educativas. O planejamento dentro do âmbito escolar deve contribuir tanto na parte política, administrativa ou pedagógica, para que as ações ocorram com um significado (SCREMIN, 2017. p. 32).

É papel do professor também a aplicação de exercícios e atividades lúdicas para fixação do conhecimento e estimular o raciocínio na busca das respostas. Deve auxiliar os estudantes da melhor forma possível na solução de suas dúvidas, mas sempre fazendo com que pensem eles mesmos nas respostas a serem buscadas e interpretadas. Segundo Martins (2012, p.62), “no momento de desenvolver seu ensino, os professores procuram criar situações que favoreçam a aprendizagem dos alunos. Eles próprios sentem que aí têm condições de intervir”.

Para corroborar ainda mais a importância que o desenvolvimento de atividades diferenciadas possui na preparação das aulas e no enriquecimento da interação entre professor e aluno no processo de construção do conhecimento, convém analisar o que descreve Antunes:

Não importa se a aula é de matemática ou de ciências, se o conteúdo que ajuda o aluno a significar é geográfico ou literário, o certo é que uma mudança no aluno pelos caminhos da aprendizagem somente se concretiza quando usa os mesmos atributos cerebrais citados: a consciência de que aprendeu e sabe usar o que aprendeu e a memória que ajuda a fixar saberes e disponibilizá-los para o uso, quando necessário. É por essa razão que situações de aprendizagens que ajudam o aluno a coletar informações e outras que promovem a investigação são tão importantes quanto as situações de aprendizagem que buscam construir procedimentos que estimulam a consciência e a memória, a capacidade de fixação de saberes e a consciência do valor desses saberes em uma contextualização que os traz para o dia-a-dia e para suas relações interpessoais (ANTUNES, 2014. p. 98).

Cabe ao professor encontrar maneiras de enriquecer a abordagem e explanação dos conteúdos em sala de aula e fornecer uma base bem fundamentada de opções de aprendizagem e informações. Dentre as diversas atividades diferenciadas para o

aprendizado, possíveis de serem realizadas dentro e fora do ambiente escolar, pode ser destacada a realização de viagens escolares.

Ferramenta importantíssima dentro das novas alternativas pedagógicas e objeto principal deste estudo é a utilização das atividades de campo e as viagens escolares. Como explica Viveiro (GARDNER, 2000 *Apud* CARBONELL, 2002 *Apud* VIVEIRO, 2016, p.29), a interação ativa e a exploração de lugares relacionados ao processo de aprendizagem e aos assuntos abordados facilita na retenção das informações e no aprendizado por parte do aluno. E dentro da disciplina de História, a intenção é que o aluno se sinta parte do ambiente em que está inserido e parte da história que o envolve. Se utiliza esse recurso para auxiliar no seu processo de aprendizado e interação com o ambiente e com todos os sujeitos envolvidos no processo.

Respeito às atividades de campo, é necessária uma boa interação entre alunos e professores, como demonstra Viveiro:

Para além de conteúdos específicos, uma atividade de campo permite também estreitar as relações de estima entre o professor e seus alunos, favorecendo um companheirismo resultante da experiência em comum e da convivência agradável entre os sujeitos envolvidos que perdura na volta ao ambiente escolar (VIVEIRO, 2016. p. 29).

De forma sucinta Scremin (2017, p.33) traz a importância de cada sujeito presente na inserção do turismo pedagógico para a diferenciação do processo de ensino:

Nesse contexto, no qual o pedagogo trabalha com o ato de planejar para priorizar a organização do ensino, o mesmo poderá contribuir para que a organização curricular ocorra de maneira diferenciada, promovendo a ligação entre teoria e prática, inserindo no currículo, o turismo educacional diferenciando o processo de ensino.

Esse método auxiliar e diferenciado (turismo pedagógico), envolve um grupo de profissionais, turismólogos e o pedagogos, ambos atuando em situações diferenciadas para que essa ação corra com qualidade e significado.

Para que ocorra o turismo educacional, o pedagogo desenvolverá uma contribuição do seu profissional, interligando a teoria à prática. O turismólogo por sua vez, irá trabalhar em prol da construção do conhecimento voltada aos alunos de maneira lúdica e diferenciada, sendo o responsável em construir o roteiro pedagógico com o auxílio do pedagogo.

Diante de tal metodologia inovadora, tanto o pedagogo quanto o turismólogo desenvolverão funções que possam contribuir com um novo conhecimento para os alunos de forma lúdica e prazerosa em contextos não escolares.

Tudo o que se refere às viagens escolares deve ser bem planejado e feito da maneira correta, evitando problemas e uma desvirtuação da proposta inicial do docente, como também nos esclarece Viveiro:

É importante salientar que uma atividade de campo compreende não só a saída propriamente dita, mas as fases de planejamento, execução, exploração dos resultados e avaliação. Limitar essa atividade apenas à visita constitui-se em um desperdício das potencialidades passíveis de serem trabalhadas por meio dessa modalidade didática (VIVEIRO, 2016. p. 30).

Portanto, mostra-se de elevada importância um correto planejamento das atividades a serem realizadas, baseadas na programação de uma viagem de estudos, levando em consideração todas as etapas que envolvem o planejamento e execução da referida atividade. A atividade deve estar alinhada com a equipe administrativo-pedagógica da escola e com as devidas autorizações e processos burocráticos envolvidos na autorização por parte dos responsáveis pelos alunos.

O TJDF (2016) orienta que se “busque informações na Vara da Infância e da Juventude” para a realização de uma viagem sem percalços e dentro das regras estabelecidas, além de instruir sobre as autorizações e documentos necessários para que menores de idade realizem viagens dependendo do destino da mesma e da faixa etária na qual o menor se enquadra.

As viagens escolares já fazem parte das atividades desenvolvidas pelas escolas, sendo assim as mesmas já contam com as informações necessárias. Isso não impede que o profissional de educação interessado na realização de uma viagem, que envolva estudantes menores de idade, busque informação mais atualizada na Vara de Infância e Juventude de sua cidade.

Foi através da viagem de estudos/técnica/turística realizada pelo autor desse estudo para os Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul e relatada no relatório de visita técnica, que foi possível absorver o máximo de informações possíveis e encontrou-se a maior quantidade de opções para a montagem de um roteiro de estudos que seja capaz de promover a interação entre alunos, docentes, pois a história em si está presente nos locais históricos visitados.

A viagem aos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul também auxiliou na elaboração de propostas de atividades que poderão ser realizadas antes, durante e após a realização do roteiro de viagem, que poderá ser proposto e idealizado para futuras oportunidades.

Dentro deste contexto, de tentar quebrar certos paradigmas, o trabalho a ser desenvolvido deve iniciar dentro de sala de aula, com uma primeira abordagem teórica

sobre as reduções jesuíticas, sua história e todos os fatos que estiveram envolvidos na construção desta, que é importante parte da história do Rio Grande do Sul. Além disso, abordar assuntos como lendas locais, personagens históricos e a beleza do patrimônio histórico a ser visitado é de grande importância para instigar os alunos a aproveitarem a atividade de maneira satisfatória, a valorizar a história e cultura locais e se sentirem parte da história e incentivados a realizarem as atividades propostas pelo professor em sala de aula.

Na elaboração das atividades relacionadas ao estudo dos Sete Povos das Missões em sala de aula, devem estar contemplados também os alunos que por algum motivo não possam se fazer presentes na viagem de estudos. Será preciso oferecer-lhes o acesso a maior quantidade de informações, que o levarão a uma completa e correta compreensão e absorção do conteúdo, auxiliando também em possíveis avaliações e atividades propostas que possam vir a abordar o assunto.

Metodologicamente, nosso estudo baseou-se em pesquisa bibliográfica, pesquisa de recursos audiovisuais, mídias digitais e pesquisa de campo para que os objetivos propostos fossem alcançados. Com relação à pesquisa bibliográfica, a mesma foi realizada abordando tanto o que se refere à pesquisa sobre as viagens pedagógicas no ensino (principalmente de História) e novas abordagens didáticas em sala de aula, quanto os temas históricos a serem estudados dentro da colonização do Brasil, pertinentes às Reduções Jesuíticas (com uma ênfase no Rio Grande do Sul e principalmente nos Sete Povos das Missões). Utilizaram-se como recursos livros, sites e artigos que tratavam os assuntos em questão.

Também se utilizaram os mesmos recursos para buscar informações referentes à abordagem historiográfica brasileira relativa à história regional e à sua recente e tardia valorização e tratamento mais aprofundado, além da sua inserção em sala de aula. Já a pesquisa de campo foi realizada através de viagem à região conhecida pelas principais Reduções Jesuíticas no estado do Rio Grande do Sul (os Sete Povos das Missões). Com visitas técnicas e turísticas guiadas por profissional habilitado nos mais diversos pontos relativos ao tema, o que forneceu grande bagagem teórica, cultural e inspirativa para a construção deste trabalho. Isso se fez visando o melhor aproveitamento possível de temas de tamanha importância para o ensino e valorização da história regional, principalmente

para o ensino de História e, mais especificamente, daqueles assuntos a serem pesquisados e vivenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa bibliográfica e de campo sobre as Reduções Jesuíticas (principalmente aos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul) e a proposição de uma nova abordagem de ensino por meio das viagens de estudos, pretende-se um melhor aproveitamento das aulas e a valorização da história regional, ao mesmo tempo que se oportuniza o aprofundamento do conhecimento relativo aos temas tratados.

Através das visitas técnicas realizadas percebeu-se que o potencial turístico e histórico da região das missões no Rio Grande do Sul carece de maiores investimentos e divulgação, principalmente por parte do poder público, que falha ao não oferecer melhores estruturas de visitação e acessos em melhores condições (a maioria dos locais visitados são acessados através de estradas de chão em más condições de conservação).

Com o correto investimento e incentivo à preservação do patrimônio cultural, a região pode se beneficiar ainda mais do turismo e pode retribuir seus visitantes com ainda mais atrações e riqueza cultural e informacional referidas aos Sete Povos das Missões.

Muito do que fazia parte do acervo material da região acabou sendo subtraído por saqueadores (vários são os relatos de “caçadores de ouro dos jesuítas”), utilizado por moradores da região na construção de suas casas e levado como lembrança ou espólio dos locais visitados, dificultando assim o trabalho dos historiadores em remontar e preservar toda a história contida naqueles locais.

A tardia criação de um espírito coletivo de preservação do patrimônio causou a perda de muitos artefatos históricos ligados aos povos que fizeram parte da história das missões no Rio Grande do Sul. A própria historiografia brasileira peca ao valorizar tardiamente a história local e conseqüentemente tem-se também uma insatisfatória inserção e valorização da mesma em sala de aula (o que se verifica inclusive no material didático fornecido para o ensino de História).

O trabalho realizado pelos entusiastas, pelos guias de turismo, historiadores e moradores locais deve ser incrementado com ações governamentais e um trabalho nas escolas pela valorização e conhecimento da própria história da qual fazemos parte.

Também se verifica a grande importância da correta utilização desta importante ferramenta no ensino, —as viagens de estudos—, e também de outras que venham a acrescentar a eficácia do processo de ensino. Oportuniza-se com as viagens escolares a absorção e compreensão do conteúdo de forma diferente da trivial utilizada dentro de sala de aula, estimulando os alunos a buscarem as informações pertinentes e a interagir com o novo meio em que estão inseridos durante a viagem de estudos.

A realização de uma viagem escolar deve obedecer a regras estabelecidas, ser bem organizada e inserida no processo de ensino e aprendizagem. Importante também no momento de sua proposição, é verificar a realidade social dos alunos e da escola, buscando os meios para que a mesma possa ser realizada e com o maior alcance possível dentro do grupo de alunos ao qual se pretende propor a atividade.

A fuga do ensino trivial com a busca e utilização de novas alternativas pedagógicas fazem parte dos desafios do docente e corroboram a importância do planejamento e da constante atualização profissional. O aluno deve se sentir cada vez mais inserido no processo e incentivado a buscar conhecimento, além de absorver da melhor forma possível o que lhe é transmitido através das mais diversas abordagens pedagógicas, possíveis de serem aplicadas em sala de aula.

Pretende-se a realização de nova visita técnica à região estudada, mas que possa desta vez alcançar todos os destinos principais relativos aos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul. A viagem teria o objetivo de aprofundar estudos e propostas pedagógicas. Além disso, a busca de uma maior quantidade de recursos bibliográficos sobre o tema e a aplicação da teoria aqui levantada em uma oportunidade de realização de viagem escolar para a região estudada, se mostram de suma importância para colocar à prova a experiência aqui proposta para o ensino de História.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CUSTÓDIO, Luiz Antonio Bolcato. **Missões jesuíticas, arquitetura e urbanismo**. Disponível em: <<http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/As-Miss%C3%B5es-Jesu%C3%ADticas-Arquitetura-e-Urbanismo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

IPHAN. **Patrimônio mundial cultural e natural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

IPHAN. **Missões jesuíticas guaranis - no Brasil, ruínas de São Miguel das Missões (RS)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/39>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

IPHAN. **Parque Histórico Nacional das Missões – RS**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/766/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

LIMA, Adilson Carlos de; DOMINGOS, Juliete Rosa. **A inserção da história local e regional na historiografia e sua abordagem em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/congressoEducacao2010/Adilson%20Carlos%20ode%20Lima.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MAESTRI, Mário. **Breve história do RS da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

SANTOS, Fabrício Barroso dos. **Sete Povos das Missões**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/povos-das-missoes.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. A regulamentação do trabalho indígena nas Missões Jesuíticas. **Revista Latino-Americana de História**, UNISINOS, v. 1, n. 3, 2012. Disponível em: <projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/download/66/44>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SOSTER, Sandra Schmitt. **Missões jesuíticas como sistema**. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/XY14-soster_pratschke_mestrado.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SCREMIN, Juliane. **Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar**. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/turismo?dd99=pdf&dd1=7031>. Acesso em: 6 ago. 2017.

TJDFT. **Orientações prévias evitam problemas em viagens com crianças e adolescentes**. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2015/junho/orientacoes-previas-sobre-autorizacao-de-viagem-para-criancas-e-adolescentes-evitam-problemas-de-ultima-hora>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

VALENZUELA, Tainá Severo. **Análise das missões jesuíticas do RS nos livros didáticos.**

Disponível em:

<projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/download/169/127>. Acesso em: 22 jul. 2017.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. **As atividades de campo no ensino de ciências: reflexões a partir das perspectivas de um grupo de professores.**

Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/g5q2h/pdf/nardi-9788579830044-03.pdf>>.

Acesso em: 21 nov. 2016.